



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE ABRIRE-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL

Gaiato

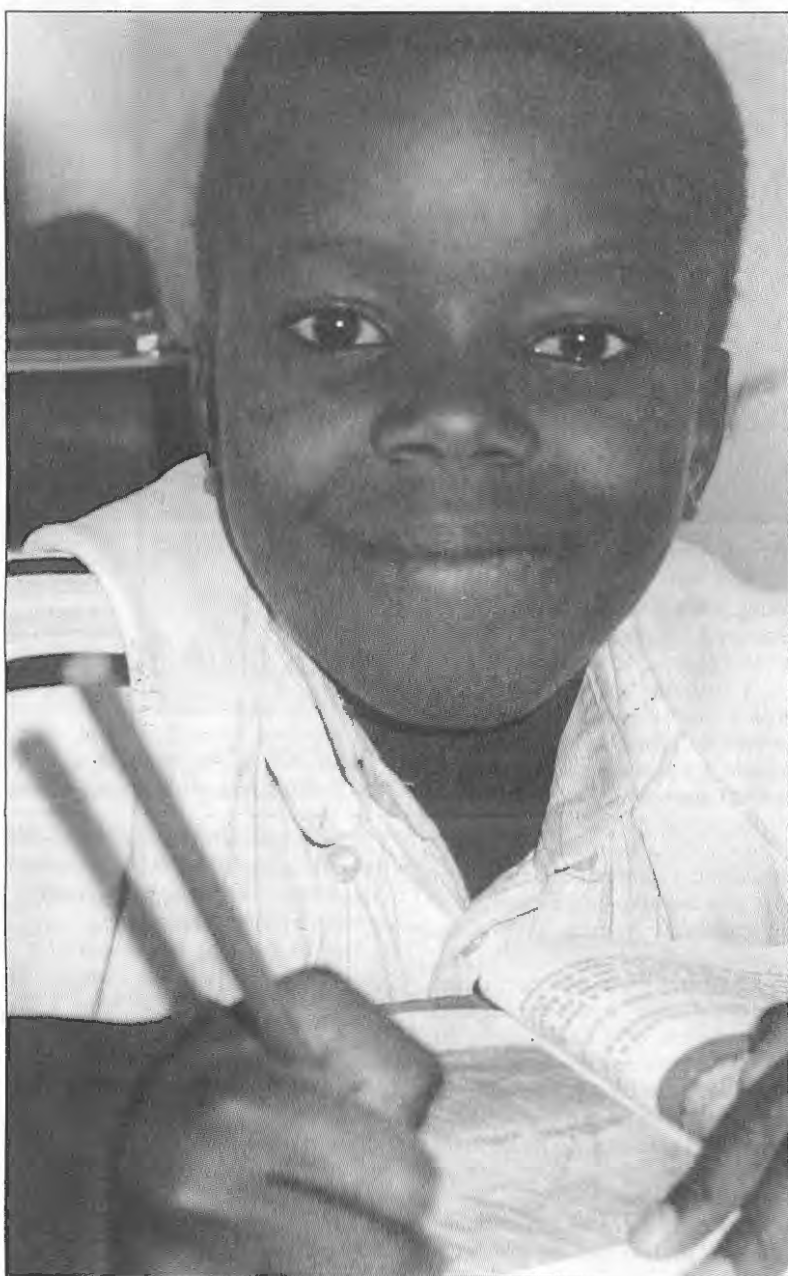
OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

2 de Setembro de 2006 • Ano LXIII • N.º 1630
Preço: € 0,30 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239



Setúbal

A Cruz não é um elemento decorativo

NA preparação do próximo ano escolar, debatemo-nos com um problema que nos é de difícil resolução. Um grupo de rapazes, desde há muitos anos a esta parte, ficava a estudar na cidade vivendo no nosso Lar de Estudantes. Uma senhora, a mãe deles, e um chefe, acompanhavam-nos diariamente em tudo o que dizia respeito e nos seus afazeres. Existiam as condições para uma vida de família séria e proveitosa.

Agora, estamos na iminência de não poder ter o Lar a funcionar, porque não temos uma senhora que se dedique exclusivamente a estes rapazes que lá viveriam.

Esta necessidade, que não encontra resposta, é um forte sinal

dos tempos actuais. O escândalo da Cruz repele, os frutos que a árvore dá não são suficientes. Que árvore? A nossa Igreja.

Não somos só nós a sentir os efeitos desta pouca fecundidade. Vejam-se as congregações, os seminários, tudo o que se concretiza em vidas vividas na generosidade, desprendimento, confiança e Fé.

Nota-se a falta de esperança na recompensa eterna. Sim, não há trabalhadores que queiram acumular o seu tesouro no Céu. Ao invés, como os do mundo, preferem a recompensa já aqui, na terra.

Como se torna pobre e vazia de sentido a vida assim. No momento de prestar contas, há-de chegar de

mãos vazias e nada terá a receber. Vidas sem vida e sem futuro.

«Sempre que o fizestes a um destes Meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fizestes.» Não haverá quem queira fazer algum bem a Este Senhor que Se nos deu todo?

Fala-se tanto em formação, em esclarecer e conhecer! Queira Deus que não sejam estes caminhos para aumentar os falantes e diminuir os operantes! Ai dos salões e conferências e reuniões se não resultarem em melhor trabalho! Não nos iludamos.

A Cruz não é um elemento decorativo, mas o sal na vida de um cristão, o tempero que dá Vida à vida.

Padre Júlio

Momentos

Actualidade

SÃO de algum alívio os momentos que vivemos!...

A luminosidade é intensa e os melros da Aldeia trinam ao desafio, confortados pela ternura dos seus filhotes recém-nascidos.

À voz do Senhor D. António Marcelino, Bispo de Aveiro, juntaram-se outras a defender a dignidade da Obra, o interesse e a actualidade da pedagogia educativa das Casas do Gaiato, o valor social e cultural da Obra da Rua.

O clamor do Povo, expresso pelos milhares de Amigos da Obra e assinantes d'O GAIATO, é de absoluto repúdio, indignação e revolta contra este estado de injustiça, anárquico despudor e irresponsabilidade a que se chegou.

É o mundo em que vivemos e no qual continuamos empenhados em fazer luz, somente com a autoridade que as Obras impõem por si mesmas.

Nunca a Obra do Padre Américo foi tão desafiada porque também nunca se manifestou tão necessária quer à sociedade quer à Igreja.

A sua pobreza e a audácia

evangélica de que se reveste são um contraponto a esta cultura de riqueza e segurança vãs, que tomou conta da consciência de muita gente.

O senhor Cónego Rego, com o seu *Oitavo Dia*, na televisão, veio também em nosso auxílio, passou connosco dois dias e apresentou, no breve programa que lhe é dado, o nível, o ambiente natural e humano nas Casas do Gaiato, bem como o aproveitamento e a alegria dos rapazes.

Continua na página 4

Benguela

Doze salas de aula

QUEM me dera ver já pronta a escola com 12 salas de aula, no bairro com os olhos postos na Casa do Gaiato de Benguela! À medida que o ano lectivo caminha para o fim, vejo centenas de crianças sem possibilidade de frequentar a escola, porque não têm lugar. A aflição fez-se mais dolorosa, porque estes filhos de Angola andam à deriva, na idade mais oportuna para o seu crescimento. Deste modo, vão aumentar o número de crianças da rua e, mais tarde, serão pesos mortos na sociedade que necessita de colaboração de todos os cidadãos para o seu desenvolvimento.

A escola é o ponto de passagem obrigatório para o crescimento duma Nação. Por isso, há que mobilizar todas as forças possíveis nesta direcção. A nossa Casa do Gaiato, consciente do seu papel na

promoção humana para construir uma sociedade digna, não tem poupado esforços neste sentido. O investimento humano e material no sector escolar ocupa uma das suas prioridades. Sabemos que uma das causas da instabilidade social está na falta de formação. Buscamos, por isso, todos os meios para o crescimento integral dos filhos que nos foram confiados. Na escola, propriamente dita, vão até onde forem capazes. A Universidade é também uma das metas. Entretanto, a formação profissional caminha a par da escola.

Vejo com muita esperança e com muita alegria a integração dos rapazes, cada vez em maior número, nas empresas que têm um lugar preponderante no crescimento do país. Cumprimos, assim, a missão nunca acabada de dar à

Continua na página 4

Malanje

O nosso encontro

FOI encantador o nosso encontro! Ele telefonou: «Cheguei agora da Madeira, estou no Porto, quero estar consigo». Fiquei feliz e marcámos o encontro. Ele — o Quim — a sua Esposa e sua filha Patrícia.

— *Vamos passar a manhã com o avô.* Falou ele a sua filha Patrícia — uma linda jovem de vinte anos. Não avô carnal... Mais: o Quim, abandonado pelo pai, cresceu comigo na Casa do Gaiato de Malanje. Formou-se em Filosofia e é professor num Liceu da Madeira.

Que psicólogos, que técnicos, que mudanças? O amor não muda; nasce, firma-se e perdura. É fonte de alegria, de paz e de esperança.

O Quim cresceu, estudou e era chefe maior quando havia tiros e foi a independência de Angola. Filho querido que me acompanhava nos momentos duros!

Onde está educação sem o amor? E o que é a vida sem esse amor?

Que a própria Igreja não nos veja como barco à parte, mas nos assuma no mesmo mar revolto na procura de igual bem.

Padre Telmo

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

TRÊS MIL SEM TECTO — «O número dos sem-abrigo, sem tecto, em Portugal, chega aos três mil, segundo um estudo realizado e divulgado nas edições de dia 4 do Público: Realidades invisíveis, começou a ser feito em 2004 e só foi concluído, agora, pelo ISS, o levantamento feito de há dois anos nos centros distritais resultou num número global de 2717 pessoas a viver» nestas circunstâncias.

PARTILHA — Cem euros, do assinante 27527, de Viseu, «revertendo para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus».

Agora, temos «os habituais pós-nhos de Lourdes, do Cacém. Continuo sempre a desejar que tenham muita saúde e muita força para continuarem com a vossa Conferência».

O assinante 74299, da Covilhã, com 25 euros, «para aliviar a conta da farmácia e sublinha uma exposição do nosso bom Amigo BISPO de Aveira».

De Alenquer, um cheque de trinta euros, para o nosso Jornal e o sobranço «será aplicado conforme a vossa vontade».

Temos, ainda, 25 euros, de Torres Vedras, «com beijos para todos, da bisavó alentejana», assinante 33332.

Outros 25 euros, da assinante 61553, do Porto.

Cinquenta euros, da assinante 42990, de Torreira, «auxílio para pagamento da conta da farmácia da Conferência de Paço de Sousa».

Lisboa, assinante 65559, «pequena participação para ajuda dos vossos Pobres».

Do Porto, o assinante 13862, paga a assinatura do nosso Jornal «e o restante para ajudar a conta da farmácia da vossa Conferência».

Cem euros, da assinante 20174, de Coimbra, «para aplicarem como melhor entenderem».

Outro remanescente, da assinante 32517, que também paga o Jornal, «e que sabe bem o valor dos remédios nas farmácias. Junto 250 euros».

Cheque de 50 euros, da assinante 22890, por «alma de meu marido», de Rio de Mouro.

Para todos, a nossa gratidão em nome dos Pobres.

Endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Setúbal

FÉRIAS — As nossas férias terminaram (primeiro grupo), e nós estamos muito satisfeitos com os resultados.

Foram muito agradáveis porque além de termos o apoio permanente da D. Isaura e dos chefes, contamos também com a disponibilidade de algumas senhoras amigas, não só de Setúbal como também de Castelo Branco, que nos proporcionaram momentos de convívio e de boa disposição tanto na casa como na praia.

Em casa: Nos dias em que não dormíamos a sesta, desenhávamos e pintávamos com a colaboração da tia «Gi».

do que resultou uma exposição de pintura muito agradável onde foram revelados alguns talentos na arte de bem desenhar e pintar e, claro, nestas coisas o essencial é participar. Nos restantes dias aproveitámos para jogar diversos jogos na esplanada da nossa Casa, para ler e escrever, tocar guitarra e cantar e ver televisão, sobretudo jogos de futebol.

Na praia: Que coisa maravilhosa! Os nossos jogos de futebol eram bem disputados e com os resultados nascia a alegria dos rapazes que depois de cansados e transpirados, era vê-los correr a caminho do mar para uns belos mergulhos e respectivas brincadeiras. Os mais pequenos, acompanhados pelas senhoras, brincavam na areia e no mar.

Depois de uma manhã ou tarde de praia, tínhamos sempre à nossa espera uma refeição bem preparada, acompanhada com umas sobremesas apetitosas confeccionadas pela D. Isaura, nossa amiga e companheira nos momentos mais necessitados.

Como foram boas as nossas férias! Como eu gostaria que todas as crianças e rapazes fossem tão felizes como nós...

Nota: No meio disto tudo só houve um pequeno contra: No sossego da noite vinham da serra algumas matilhas de cães vadios, não só perturbar o nosso merecido descanso nocturno, como também, acho eu, dizimar a caça da serra que é tão rica em lebres e coelhos.

Daniilo Rodrigues

Malanje

Num destes dias, pelas 19h00, ouvimos os nossos rapazes, junto dos seus dormitórios, numa algazarra. Do que se tratava afinal? Uma pobre mulher, de trouxa à cabeça, vinda não sei de onde, acompanhada de uma criança de cinco anos, mal trajada, fazia questão de pernoitar num dos dormitórios. Ao verem-nos aproximar, ela sorriu e disse:

— Quero ficar em vossa Casa.

Os rapazes, em tom de brincadeira, diziam alguns piropos. Convencidos que os não compreendiam, começaram a falar em kimbundo.

— Vá para casa, esta é de rapazes e não de senhoras.

A criança triste e cansada olha para a pobre mulher, que não sabíamos se mãe ou tia. Ao verem-se impotentes, pesando a situação, resolvem chamar-nos.

Era uma mulher desequilibrada. Pedimos respeito e tentámos, uma vez mais, convencê-la a ir, mas em vão. Joaquina, comovida, leva a criança à rouparia, veste-lhe roupa nova, dá um naco de pão com manteiga, leva-o para junto da pobre mulher que sorriu. Pegou na trouxa e caminhou.

Vestir, dar de comer a quem tem fome, é dever cristão.

Está escrito, «o que fizerdes ao mais pequeno é a Mim que o fazeis». Assim procede o nosso Padre Telmo sempre que vai à cidade e pára o jeep. Todos o conhecem, todos o chamam.

Tiragem média
d'O GAIATO, por edição,
no mês de Agosto,
53.650 exemplares



Um grupo de «Batatinhas», da Casa do Gaiato de Malanje, em hora de recreio.

— Senhor padre, dê-me uns quantos para comprar pão...

Responde, preocupado:

— Não tenho, nem posso. Além do mais tenho muitas crianças para alimentar.

Inquieto, como se ouvisse a voz de Deus, leva sua mão ao bolso e dá ao mendigo justificando assim o seu gesto: «É um dinheirinho que vou recebendo dos ofertórios do Povo. Vem e volta.»

Aqui está a presença de Deus: Dar e receber. Sou testemunha do que acabo de escrever. Um verdadeiro apóstolo dos tempos em que vivemos.

De novo vamos ao encontro do Padre Telmo para contar o sucedido e o que fizéramos. Ouviu e respondeu: «Fizeram bem». Tranquilos fomos descansar.

Qual o nosso espanto ao ver, pela manhã, a mulher e a criança a rondar a casa.

Padre Telmo preparava-se para ir à cidade. Ao vê-la, manda-a subir para o jeep, o que teimosamente não fez. Impaciente e perdido, vai junto dela, prega-lhe três palmadas no rabo e diz:

Júlio Silva

«Suba, não me aborreça mais, ouviu?» Que triste a minha vida! Até um santo perde a cabeça. A vida tem destas coisas... Joaquina perdida de riso com tudo o que se passava e um pouco apreensiva, chama-a. Pede que a leve ao colo e a ponha no jeep. Tenta sair dizendo que era da Carianga. A risota instala-se com gargalhadas.

Resolvida a confusão vai para a cidade com alguns rapazes e uma Irmã para que a pobre fosse entregue às autoridades competentes.

«Já morreu» é nosso cozinheiro, sem nome, vem dum combate dado como desaparecido na guerra, que passados meses aparece na sua aldeia. Ao verem-no, o Povo grita. Olha o «Já morreu!» Assim ficou o baptismo para sempre. Quando chega o Padre Telmo e vai para o almoço, Joaquina com sua boa disposição, diz: «Se fosse em Portugal as ditas nalgadas eram caso de primeiras páginas de telejornais. Que um Padre fora visto a agredir uma mulher. Só quem vive por amor e dá a vida pelos outros se conforma».

RETALHO DE VIDA

SOU o Santos da Conceição Pedro Albino, mais conhecido por Santos 7, ou Santos Latim. Natural de Malanje (Angola). Nascido a 30 de Dezembro de 1988, no bairro da Maxinde.

No princípio da minha vida perdi os meus pais, devido à guerra que o País sofreu.

As Madres Mercedárias acolheram-me por graça de Deus. Dificilmente um pai, uma mãe abandona seu filho quando existe amor.

Aos 6 anos, o Pai do Céu deu-me uma primeira oportunidade, ao enviar-me para a Casa do Gaiato, que me daria uma nova vida de felicidade. Foi em 27 de Setembro de 1996; agora sou gaiato e, como gaiato, cumpro as regras da Casa. Por outro lado, agradeço ao Padre Telmo, que me recebeu das mãos das Madres Mercedárias, uma vez que não tinha quem me pudesse acolher. Peço ao Senhor que esteja perto do Padre Telmo.

Encontro-me a frequentar o 8.º ano de escolaridade, isto devido ao grande empenho do Pai Telmo. Que, com os seus 80 anos de idade, se encontra muito cansado.

Diria que sou jovem e pretendo seguir a Medicina, visto ter alguma prática no nosso Centro de Saúde.

Já tenho acompanhado alguns problemas dos meus irmãos. Espero concluir com os meus estudos, dar um contributo à Casa como bom agente de saúde, no meu País, seria uma mais valia. Sou adepto da A.S.A. Clube de Angola.

Santos da Conceição Pedro Albino

Paço de Sousa

FESTAS — Tem sido um calendário muito preenchido para a nossa «Bandinha».

Com várias actuações, neste Verão, saliento a de 20 de Agosto, em S. Mamede de Recesinho, onde abrilhantaram a Festa da Paróquia.

Em 27 de Agosto, actuarão na Festa do Senhor da Boa Fortuna, no Porto.

OBRAS — Depois do balneário ter ficado pronto, as obras passaram para o silo. Brevemente, efectuar-se-ão obras na nossa Capela.

BATATA — Terminou a colheita da batata. Este ano é razoável.

FÉRIAS — O primeiro grupo, dos mais pequeninos, já regressou de Azurara. Tudo correu bem.

Entretanto, o segundo grupo já se encontra na nossa casa de férias.

Esperamos que regressem descansados para enfrentarem o novo ano escolar que se avizinha.

Desejamos a todos os nossos Amigos e Leitores d'O GAIATO, óptimas férias.

Hugo André Cruz

Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro

FESTAS — Conforme o interesse manifestado por vários colegas, voltamos, este ano, à Senhora da Piedade, de Tábuas, em Miranda do Corvo, para a utilização de cujas instalações estamos devidamente autorizados, o que faremos no dia 17 de Setembro. Se puderes e quiseres comparecer, deverás fazer-te acompanhar do «farnel», pois o dia será apenas de convívio.

Dores da Família de fora

«No último sábado tive o prazer de passar por aí. É bom sentir o ar do campo e a serenidade que se respira nessa Casa.

Que o bom Deus e o querido Padre Américo continuem a velar pela verdadeira promoção dos mais desprotegidos»

Assinante 78484

«De hoje é que não pode passar! Ando há muito tempo a pensar em escrever uma palavrinha de solidariedade em face de odiosa campanha que se tem levantado contra vós e que me revolta a tal ponto que já me faz perder o sono... Mas desistia de o fazer, pensando que mais valia pedir a Deus por todos. Por todos, sim: em primeiro lugar por vós, Homens admiráveis e verdadeiros heróis da caridade — que através deste sofrimento que tão injustamente vos causam homens parecidos com o diabo. Mas também por eles, que são, afinal, os mais desgraçados. Parece impossível que a inveja e a cegueira humana seja capaz de desencadear uma tal campanha de tão graves consequências!

E os dias e meses iam passando, e eu ia 'devorando avidamente' a leitura do Famoso e esperava sempre as melhores notícias, ou antes, a verdade repostas e a Casa do Tojal novamente entregue a quem a gerou. Mas afinal parece que tudo continua na mesma e eu penso que de facto os desígnios de Deus são insondáveis e os 'Seus caminhos não são os nossos caminhos'. Ele respeita a sério a liberdade do homem. Mas ao ler no último O GAIATO aquela carta do assinante 27527 resolvi mesmo escrever-vos. Merecia uma edição em separata e que todos os portugueses a lessem e saboreassem.

Estou inteiramente de acordo com o que ali se diz e, se pudesse, bem promoveria eu uma campanha a nível nacional.

Não deixa de me surpreender a atitude de certos hierarcas da Igreja, por quem, aliás, eu nutria muita simpatia, mas que agora se mostram tão... tão quê? Afinal tão diferentes de D. António Ferreira Gomes, cujo centenário do nascimento foi ocasião que enalteceu o Homem corajoso de intrépido contra o Poder político do seu tempo. Lutou sempre pelo bem dos Pobres, pelas injustiças oficiais que os enganavam. Parece-me que também agora seria de desejar outro Bispo como aquele... Enfim, confiemos no Senhor. Ele que pela Cruz 'venceu o mundo'. Há-de chegar o dia da ressurreição. Gostaria bem de vos ajudar de todas as maneiras. A oração suprirá tudo o que não posso.

Fico-vos bem unida com minha grande amizade e gratidão e admiração — em Jesus, o Vencedor da morte.»

Assinante 7568

«Quando recebo e leio O GAIATO, eu tenho vontade sempre de mandar alguma 'coisa', porém nem sempre é possível. Hoje foi!... Aí vai uma migalhinha que vocês melhor do que eu sabem a quem dar.

Quanto às calúnias a vosso respeito, 'palavras loucas, ouvidos moucos'. Penso que tudo o que foi dito é apenas uma defesa de quem não sabe, ou (pior) não quer fazer como vocês fazem! Perdoai-lhes Senhor!... Para todos vós uma abraço amigo.»

Assinante 26664

«Obrigado por tudo quanto fazem em atenção aos mais desprotegidos: faço minhas as palavras de tantos leitores que vós nos dais a conhecer através de apontamentos no vosso jornal, a revolta que todos sentimos quando criticam a vossa Obra que tem feito bem a tanta gente. Obrigado por ela existir.

Quereria não vos roubar tempo, até porque no passado, paguei no centro de dia da minha paróquia a parte que cabe ao utente, continuaria, mas realmente quando as pessoas não aproveitam!, por motivos de psicose é complicado.

Então disse: este ano, como o meu marido é trabalhador da construção civil, canalizador, e graças a Deus nas horas livres tem tido muitos biscates, porque ele vive para o trabalho; disse-lhe que ia mandar mais 250 euros do que o costume para O GAIATO, para gastarem em prol da fome em Moçambique ou Angola, uma gota de água que creio ser melhor aproveitada.»

Assinante 61210

«Permitam-me que vos trate assim porque há muitos anos que sigo de perto o vosso trabalho que muito admiro. Tenho ficado indignada com o que ouço e vejo na comunicação social a vosso respeito, e especialmente na televisão. São precisamente os que nada fazem pelos que mais precisam que mais ousadamente se atrevem a falar dos que a eles dedicam toda a sua vida. Que Deus vos dê coragem e força porque eles vão ser derrotados. A razão está do vosso lado e Deus há-de atender as súplicas de Pai Américo a vosso respeito. Eu pouco valho, mas não deixo também de pedir a Deus que vos dê saúde, força e padres e senhoras novos para vos ajudar.

Envio cheque para pagamento de uma promessa que Deus me atendeu e para a minha assinatura d'O GAIATO, jornal que tanto bem me faz. Desculpem a demora, mas, às vezes, sou um bocado desmazelada nestas coisas. Que Deus me perdoe. Suponho que fico com as contas em dia, mas, se assim não for, peço que mo façais saber.»

Assinante 1298

«Quero também manifestar, a todos os Padres da Casa do Gaiato, a nossa admiração, estima e consideração pela Obra que realizam. Os livros dão-nos uma ciência teórica (que também é necessária, sem dúvida), mas não chega.

É pelo muito amor, pela paciência e pelo bom senso que tantos gaiatos se tornaram Homens, tão válidos.

Bem-hajam por isso.

Assinante 26664

vio, sem obrigações nem devoções...

Apenas aproveitaremos um pequeno espaço de tempo para apresentar o nosso Manifesto de Desagrado pelo que tem sido dito e escrito, que será, depois, publicado na Internet, no site da Associação, de que daremos, entretanto, conhecimento para quem tiver oportunidade de consultar, pois entendemos que já muita coisa foi escrita por pessoas responsáveis e isso alivia de algum modo o nosso espírito de revolta e acaba por colocar alguma água na fervura... No entanto, não queremos ficar calados completamente.

No dia 16 de Julho, também fizemos parte das comemorações do Cinquentenário que se realizou em Paço de Sousa, tendo contado com uma boa representação da nossa Associação que ultrapassou os trinta elementos, estando presentes alguns vindos de longe, como o Fernando Pedro que

viajou, mais uma vez, de Madrid com a sua Esposa. Na altura própria, foram apresentados alguns testemunhos por várias pessoas, sendo de destacar, pela nossa parte, o do nosso colega Vítor Agostinho que, com a emoção estampada no rosto, a exemplo do que já havia acontecido em Miranda do Corvo, no dia 25 de Junho, contou a sua história, pela qual apareceu na Casa do Gaiato e como foi aceite e tratado por Pai Américo, tendo exortado, sobretudo, os actuais gaiatos ao trabalho, à obediência e ao orgulho que devem ter por pertencerem à Obra da Rua, que para muitos é a sua família, dando como exemplo o modo como foi tratado pelo seu último patrão, que lhe ofereceu o carro com que trabalhava, ao reformar-se, uma vez que não tinha automóvel próprio...

Como foi largamente noticiado, estas Comemorações realizaram-se entre Paço de Sousa e Porto, um

pouco por todo o lado, de formas diferentes e em vários dias, tendo alguma Imprensa dado o devido destaque. Porém, do que se passou no local próprio, no dia indicado, nada foi dito, o que estranhámos bastante, tendo sido vistos, naquela manhã, dois elementos que passaram por lá sem dizerem nada a ninguém. Dirigiram-se à Capela, centro das atenções, tendo saído acto contínuo, mas nada apareceu no dia seguinte. Supomos que o que se fez antes e o que estava a ser feito terá causado algum amargo de boca a quem tanto mal tem dito e escrito, perante a realidade...

Mas se esses senhores iam para ver, entraram e saíram sem ninguém os impedir, provando-se, mais uma vez, o que o Fundador da Obra da Rua disse, com razão, e mantêm-se: «Nós somos a porta aberta!»...

Manuel dos Santos Machado

DOCTRINA



Eu acredito na Comunicações dos Santos

É costume dos fabricantes pedirem a senhores de nomeada duas palavrinhas públicas para fazer com elas reclame ao produto. E até os escritores, por mais acreditados que sejam, também gostam do prefácio nas suas obras. Ora não acontece assim com a Obra da Rua. Tudo vem cá ter espontaneamente. As cartas ferve. Não podemos resistir à publicação de algumas pelo bem que elas necessariamente fazem às almas. Como um senhor que há dias nos escreveu, também eu acredito na Comunicação dos Santos. Aqui está uma dessas cartas. Não traz nome, mas não é de maneira nenhuma uma carta anónima. Não é. Cada palavra é um nome.

«**P**ARA as obras da Casa do Gaiato, de uns pais venturosos pelo nascimento do seu primeiro filho, o pequenino António Maria; e para que ele, que teve, desde que foi concebido, o amor extremosíssimo de seus pais a aquecer-lhe a existência, seja em toda a sua vida um homem de bem, dispondo sempre de umas migalhinhas para a Obra da Rua que tem em vista, sobretudo, suprir a falta desse amor que nada no mundo iguala — o amor dos pais — que a tantos desfavorecidos da sorte falta desde os primeiros momentos de vida.

Creemos, Padre Américo, que ninguém amará e compreenderá melhor a Obra que os pais verdadeiramente dignos desse nome; e por isso nós, que com a Graça de Deus procuramos sê-lo no mais elevado e completo sentido da palavra, nos lembramos dos seus pequeninos, em hora tão venturosa.»

AQUI vai outra carta:

«Não posso deixar de concordar com as ideias de V. expostas no seu jornalzinho, que leio assiduamente e de fio a pavio. Esta Obra de Rapazes e para Rapazes não pode ser construída senão pelos Rapazes.

Conheço o ambiente colegial no qual vivi 12 anos e por isso posso dizer-lhe: esse ambiente de liberdade individual, feito pela convicção de cada um, é o único que pode garantir-lhe resultados eficazes.

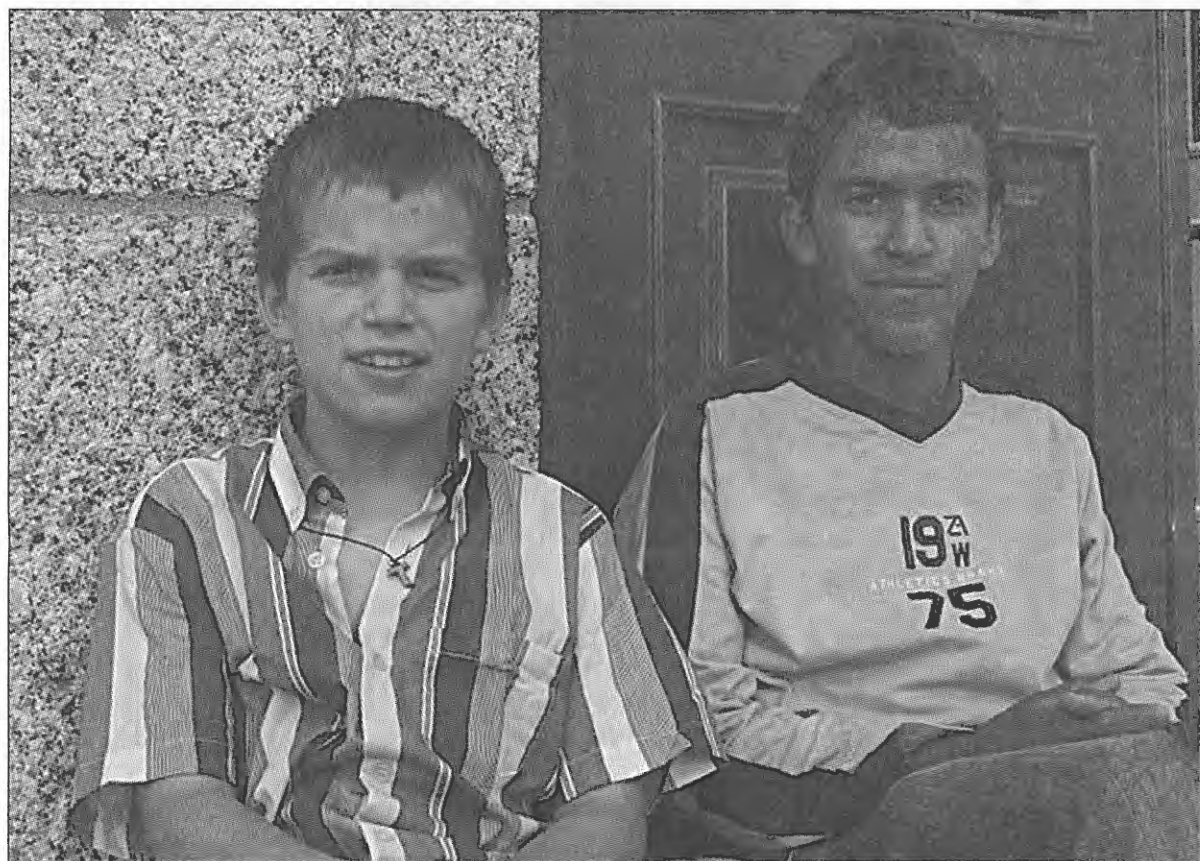
Recordo agora duas frases de um director espiritual que tive durante vários anos: "Ao rapaz deve exigir-se tudo, porque ele ou dá tudo ou não dá nada. O director deve ser como a alma, que tudo informa e dirige sem se ver em parte alguma". A meu ver, é este o papel de V. dando aos rapazes aquele ambiente livre em que eles se sentem senhores do seu papel e acarretam com as responsabilidades dos seus actos; contudo, V. está sempre alerta para endireitar e guiar quando algum desequilibra ou tem vertigens.

Ainda recordo, com saudade e satisfação, aquele dia em que o Padre Perfeito me chamou de parte e me disse: "De hoje em diante és tu o roupeiro; vê lá como te portas". Tinha um cargo a desempenhar; com 14 anos senti-me um homem e procurei sair-me o melhor possível. Oh!, como eu o compreendo e compreendo cada um desses rapazes... Quem me dera ter muito para o poder ajudar e animar.»

É uma confirmação do nosso sistema. O seu autor ainda hoje se recorda de como ficara contente quando lhe confiaram uma obrigação, nos seus tempos de colégio. Todos os nossos rapazes podem amanhã dizer o mesmo da alegria que sentem das nomeações aqui recebidas, que fazem um pequenino homem de cada um deles. Acredito, também, na boa vontade de quem escreve e sei que, se pudesse, me havia de ajudar. Nós temos recebido muito, mas necessitamos de muito mais. Não me queixo de ninguém. Ninguém me deve nada. Os apaixonados são, por natureza, as primeiras vítimas das suas paixões. Mesmo as honestas e construtivas, nem por isso deixam de gastar. Ora aqui é que vem. Se não me devem nada a mim, devem à Obra. Tenho muita e muita pena que nesta Obra de todos os portugueses seja preciso mendigar para ela a pontos de cair, por cansado, o homem que a traz no peito. Tenho pena!

D. Américo

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)



O Francisco e o Hugo Pina, dois irmãos em grande pose.

A Família

O concerto de um pé, primeiro no hospital e depois no necessário repouso receitado, foi oportunidade para um pouco mais de leitura, em que me encontrei com um artigo de Maria Filomena Mónica, também ela preocupada com o envelhecimento da população no «velho mundo». A sua fonte de informação é uma publicação, *The Spectator*; por ela ficamos a saber do desaparecimento a que estão destinados «os europeus, uma espécie em vias de extinção»: «O último francês expirará em 2107, o último italiano em 2180 e o último inglês em 2780», ainda assim um número expressivo de seis séculos a medir a resistência dos britânicos perante os dois povos latinos apresentados.

Eu não sei o valor de facto destes dados nem o método de cálculo que a eles conduziu; mas, por sobre as dúvidas da sua objectividade, leio-os como presságio de uma realidade que não está fora dos nossos horizontes e nos deve motivar a imediata reflexão e à tomada de medidas que contrariem tal realidade.

The Spectator — acrescenta a autora do artigo — «não indica a data de falecimento do último português. De qualquer forma, a informação ajuda-nos a colocar o drama nacional em perspectiva». E ajunta ainda mais esta observação: «E andou Malthus a alertar-nos para um perigo que, afinal, nunca existiu! Não será por falta de alimentos que a Civilização, tal como a conhecemos, desaparecerá, mas devido à falta de vontade de procriar».

Malthus fez o seu tempo e teve a sua clientela entre os que negam ou simplesmente não crêem em Deus Providente. E, curioso!, foi depois dele que surgiram os Estados-Providência, arrogando-se o garantir a subsistência da Humanidade, ainda que pelo preço de entrar em choque com a Natureza, cujas leis não estão nas mãos dos homens, a não ser no respeito que lhe devem em vista da sua conservação para usufruto inteligente e justo e perene das gerações que se sucedem. Hoje, os Estados-Providência já não encantam ninguém, apesar da materialidade quase perfeita de que alguns dispõem. Como tudo o que não tem alma e, por isso, não responde aos anseios profundos do Homem criado na e para a Liberdade, carácter divino que Ele deixou escorregar da sua compreensão, a qual lhe é difícil retomar! Porém, a luta por esta reconquista é dever universal e incessante — a única guerra santa que cabe ao Homem assumir, provavelmente durante toda a sua vida, justamente porque o primeiro adversário a desarmar é Ele mesmo.

Mas não se conceba a Sociedade de costas para o Homem. Ela é, para Ele, seu objectivo final. E só na medida em que é Ele a constitui-la, o Homem irá descobrindo o que de si-mesmo tem de sacrificar para que o Outro alcance o bem que Ele almeja para si e que há-de gozar reflexamente na comunhão com o Outro. É um agir livre, racional, um despertar constante da consciência para a solidariedade, já que «não é bom ser sozinho» — é o caminho para a felicidade.

Ora digam lá que melhor Escola e Oficina para a realização deste desiderato do que a Família!

Padre Carlos

PENSAMENTO

Esteve aqui no Domingo passado uma família, ao cair da noite. Entraram na Capela e viram o espectáculo maravilhoso que ali se deserrrolava: os «Batatas» a rezar o Terço. Eles nunca o fazem na Capela, senão aos Domingos. Os mais dias é na sala de estudo e a horas desencontradas das nossas.

PAI AMÉRICO

MOMENTOS

Continuação da página 1

A propósito do Cinquentenário da morte de Pai Américo, o escritor Mário Cláudio, cuja reputação é excelente, em artigo publicado num semanário com o título de *Pai Nosso*, fez jus à verdade: «A sociedade que nos contempla parece incapaz de abraçar aquela imagem da criança que o Padre Américo trazia na alma, e que era de uma natureza respeitável e respeitadora.

A frase tão amiúde citada e que emergiria como divisa da *Obra da Rua*, segundo a qual 'não há rapazes maus', exigirá interpretações mais complexas, hoje em dia, do que na época do homem que quis ligar o seu ao destino dos miúdos deserdados. Mas se aqueles que a Casa do Gaiato foi acolhendo à sua sombra não contassem com o afecto que muito exige, e beneficiassem em lugar disso da indiferença que tudo permite, dificilmente se tiraria a prova da legitimidade do modo referido. Não será, no entanto, por acaso que este aparece sob o 'ex-libris' da Instituição, nem mais nem menos do que 'um garoto de braços aberto a pedir o amor do próximo' a quem os companheiros tinham agregado a alcunha de 'Quim Mau'.

Ao longo destes cinquenta anos, a *Obra* impôs-se somente pelo peso do seu sucesso educativo e nunca por qualquer apadrinhamento político, económico ou, até mesmo, eclesial. Os rapazes feitos homens na Casa do Gaiato foram quem sublimou o seu nome. Sem eles nunca se provaria que «não há rapazes maus».

«Só o sinal indelével de uma grande singularidade que se consumou, mas que continua de pé, apesar das tentativas demasiado óbvias para a derrubar, alcançaria promover a congregação de pluralismo que representam as vozes referidas, e algumas outras, em homenagem de semelhante amplitude. O que o Padre Américo nos transmite perante a estupidez do poder é, afinal, uma lição para as horas que passam, tecida na largueza mental que exclui a dissolvente questiúncula, no descerramento do coração que posterga o agastado sectarismo, na vontade de agir que rejeita o vício do protesto.»

Os inimigos não se calarão porque as trevas são espessas, mas a história, a nosso intuição bem como a fé, confirmam que o luz vencerá as trevas.

Padre Acílio



Quem me dera ver já pronta a escola com 12 salas de aula.

Benguela

Continuação da página 1

sociedade o que há de maior valor e mais necessário é. Os filhos dum Povo são a maior riqueza duma Nação. Não queremos uma riqueza perdida. Num País em que a maioria da população é jovem, o futuro tem que ser preparado e desejado com muita esperança. É pedido, sem dúvida, muito esforço. Na base da perseverança, qualidade indispensável nos responsáveis, a todos os níveis, está a dedicação, sem limites, que nasce do amor. Sem estes pressupostos, não podemos falar em verdadeiro desenvolvimento que leva os filhos da mãe terra a gozar da sua riqueza.

Não queremos ver os que nos foram confiados a comer as migalhas da mesa dos ricos. Que se preparem para criar riqueza, sim, mas venham a participar

com justiça e dignidade dos bens que lhes pertencem. Continua a ser aflitiva a situação da maioria da população. A sua condição de pobreza extrema e miséria é um apelo angustiante a todas as forças vivas da sociedade. Queremos estar aí. Queremos que estejais conosco.

Entrei pela porta da escola, quase na hora da partida, ao tomar conhecimento de que centenas de escolas vão fechar ou já encerraram, aqui, em Portugal, por falta de crianças. As fontes da vida que estão na família secaram. Em Angola, não! Costumo dizer que venho com os meus olhos cheios de crianças. Por isso, quero mergulhar nesta torrente de vida e ajudá-la a subir para o mundo e não fique como água estagnada. As crianças falam-nos da beleza do futuro. Ajudam-nos a ter esperança e a não ter medo de nos comprometermos. Não é verdade que se costuma dizer que o futuro dum Povo está nas suas crianças?

Padre Manuel António